



O Fracasso do Modelo Económico Grego

O princípio organizador central da sociedade grega tem sido sempre o clientelismo político – um sistema em que o apoio político é garantido em troca de benefícios materiais.

14

A *débâcle* do Estado grego não deveria ser entendida apenas como o resultado de estatísticas orçamentais fraudulentas ou de uns poucos anos de gastos perdulários. Significa antes o colapso de um modelo de desenvolvimento económico que desde a sua criação no século XIX, sempre colocou a política acima dos mercados.

O princípio organizador central da sociedade grega tem sido sempre o clientelismo político – um sistema em que o apoio político é garantido em troca de benefícios materiais. Nesta situação, o papel do Estado como principal fornecedor de benefícios a vários grupos e indivíduos torna-se supremo. Na formulação do historiador grego Kostas Vergopoulos:

“A estrutura fundamental da Grécia nunca foi a sociedade civil, mas o Estado. Desde meados do século XIX, nada podia ser feito na Grécia sem passar necessariamente pela máquina do Estado.”

No mundo anglo-saxónico, o Estado era visto essencialmente como o protector de certos direitos lockeanos, especialmente o direito à propriedade privada. Este conceito andou de mão em mão com a existência de uma classe governante com interesse próprio nas grandes propriedades.

Na Grécia, no entanto, o grupo social dominante após a libertação dos otomanos foi o dos notáveis locais, cujo poder não residia na propriedade da terra mas no facto de actuarem como colectores de impostos para os seus governantes otomanos. Assim, na Grécia, a classe governante que emergiu após a independência viu o Estado não como um instrumento para a protecção de bens pré-existentes, mas como a sua principal fonte de rendimento.

Simultaneamente, o controle do aparato do Estado tornou-se o principal mecanismo para a distribuição de recompensas e



benefícios materiais. O mais importante destes benefícios era a atribuição de empregos na função pública. No final da década de 1880, a Grécia tinha já um dos maiores Estados burocráticos na Europa: por cada 10.000 habitantes, havia 200 funcionários públicos na Bélgica, 176 em França, 126 na Alemanha e 73 no Reino Unido. Na Grécia, eram no mínimo 214. Tal como o aristocrata e autor francês Arthur Gobineau observou à data:

“Na Grécia, toda uma sociedade parece funcionar segundo o lema que apenas o Estado tem dinheiro, portanto deve-se tirar partido deste facto e ser funcionário público.”

Muita água correu debaixo da ponte desde esses dias. A Grécia sofreu guerras, ocupação, ditaduras, revoluções, terremotos, etc. No entanto, algo permaneceu constante, o clientelismo político como a principal doutrina do governo.

Existem hoje em dia três tipos de benefícios que o Estado providencia a vários clientes, grupos e indivíduos. O primei-





ro benefício, e o mais cobiçado, é um cargo que exija pouca ou nenhuma responsabilidade na função pública. Aproximadamente um milhão de pessoas, ou seja, um em cada quatro gregos da população activa é empregado pelo Estado. Mais de 80% da despesa é destinada a ordenados, salários e pensões destes trabalhadores do sector público.

A segunda forma através da qual o sistema de benefícios funciona é com a atribuição de privilégios a vários grupos profissionais, tais como advogados, notários públicos, proprietários de frotas de camiões, abastecedores de mercados centrais, farmacêuticos, criando na realidade “negócios fechados” que limitam a competição em benefício dos *insiders*.

A terceira categoria de benefícios são as taxas impostas em várias transacções em benefício de grupos que não fazem parte da transacção em causa. Por exemplo, para começar um negócio na Grécia, deve pagar 1% do capital inicial ao fundo de

pensões dos advogados; cada vez que compra um bilhete de barco, 10% do preço é para o fundo de pensões dos trabalhadores do porto. Se vende mercadorias aos exército, terá que pagar 4% da sua receita para o fundo de pensões dos oficiais do exército. Curiosamente, por vezes são impostas taxas em benefício de grupos que já não existem.

É o caso dos pilotos dos serviços de lanchas da ilha de Santorini, há muito extintos. No entanto, parte do preço dos bilhetes dos passageiros de navios que atracam no porto de Santorini ainda é para a associação destes (não-existent) pilotos. Ninguém sabe para onde vai o dinheiro.

Como resultado destes esquemas, mais de 70% da população grega recebe o seu rendimento com base, total ou parcialmente, em impostos ou taxas. O que por seu lado, origina intensas e ferozes batalhas sobre a distribuição dos benefícios – o que os economistas chamam de *rent-seeking*. Por esse motivo, um volume considerável de recursos que poderiam ser usados para gerar riqueza e rendimento são desperdiçados na luta pelas fatias do bolo de uma economia cada vez mais pequena.

Infelizmente, não existem estudos económicos que tenham apurado quanto está a ser gasto em clientelismo. Mas podemos ter uma ideia, ao ver o que as restrições na economia custam em resultados perdidos. Por exemplo, alguns estudos académicos sugerem que se a Grécia tornasse as suas profissões mais abertas faria disparar o PIB em 1%, e se eliminasse restrições em vários mercados aumentaria os resultados económicos em 2%. Se na Grécia se diminuíssem os custos burocráticos nas negociações, em linha com o que acontece no resto da União Europeia, aumentaria o PIB em 3,5%.

Especialmente nos últimos anos, a esquerda tem defendido que o principal inconveniente do capitalismo é o facto de alegadamente colocar os “mercados antes das pessoas”. É por esse motivo que acreditam que a intervenção política é necessária para domesticar os mercados e devolver às pessoas o seu devido lugar como “donos” e não “escravos” do mercado.

O modelo grego garante a realização perfeita desta visão. A Grécia sempre colocou as “pessoas”, isto é, os “clientes” - acima dos mercados, com os resultados trágicos que vemos hoje. ●

Mais de 70% da população grega recebe o seu rendimento com base, total ou parcialmente, em impostos ou taxas. O que por seu lado, origina intensas e ferozes batalhas sobre a distribuição dos benefícios – o que os economistas chamam de rent-seeking. Por esse motivo, um volume considerável de recursos que poderiam ser usados para gerar riqueza e rendimento são desperdiçados na luta pelas fatias do bolo de uma economia cada vez mais pequena

